

"A SELVA": DISTOPIA E REALIDADE VIRTUAL NA FICÇÃO DE RAY BRADBURY

Rosana Suarez

rosanasrz@bol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/5886965716032639>

INTRODUÇÃO

O incrível personagem-título de *O homem ilustrado* - um ser misterioso, tatuado até às palmas das mãos e em cuja pele as imagens se movimentam formando estórias perante um observador estupefato - não deixa dúvidas: a ficção de Ray Bradbury se ancora no corpo e o toma por inteiro, sem sobreaviso.

O escritor norte-americano Ray Bradbury, também conhecido como o autor de *Fahrenheit 451* (temperatura em que se queimam livros, submetidos à censura ideológica num futuro fictício), publicou *O homem ilustrado* em 1951¹. Para isto, ele revisou contos já anteriormente publicados, mas ligando-os entre si por um subterfúgio engenhoso. Isto é, os contos se desenrolariam como episódios no corpo de um homem tatuado aos olhos de um espectador que testemunharia combates e conflitos terríveis, a maioria deles tendo como condição de possibilidade avanços tecnocientíficos ainda não disponíveis em 1951. E tal espectador - assim como Ismael, o narrador de *Moby Dick*, de Hermann Melville - escaparia por um fio da cena do conflito, representada esta, em *O homem ilustrado*, pelo próprio corpo do personagem-título enquanto galeria de quadros belos e temíveis:

Se El Greco, no auge do talento, tivesse pintado miniaturas não maiores do que a mão, com as suas cores infinitamente detalhadas, com a sua morfologia especial, a anatomia alongada, talvez tivesse aproveitado o corpo deste homem para a sua obra. As cores brilhavam em três dimensões. Dir-se-iam janelas abertas para uma realidade exuberante. Aí, reunidas como numa parede, recortavam-se as cenas mais extraordinárias do Universo. Este homem era um museu ambulante. Não era o trabalho barato de um tatuador de feira, de hálito febril; era a

1 Ray Bradbury morreu recentemente, em junho de 2012, aos 91 anos de idade.

obra-prima inspirada, vibrante, límpida e bela de um gênio. (BRADBURY, Ray, 1951, "Prólogo", p. 5).²

O romance fez sucesso na década de 1950, tendo sido filmado, em 1969, com Rod Steiger no papel-título. E livro e filme foram catalogados como "ficção científica", a exemplo da maioria das obras do autor.

No Brasil, o filme obteve o título de *Uma sombra passou por aqui*, não totalmente descabido. Inclusive porque, em determinado momento, o "homem ilustrado" revela ter sido tatuado por uma estranha mulher, uma "feiticeira" que conhecia o futuro - ou que dele viera. Num paralelo distante, cito a igualmente misteriosa Diotima de Mantinéia, a "sacerdotisa" de *O banquete*, de Platão, figura dramática também elíptica mas essencial, por ter narrado, num momento anterior ao do referido banquete, o mito do nascimento do deus Amor a Sócrates - narrativa que tanto marca o destino do filósofo.

Mas enquanto a sacerdotisa platônica é uma porta-voz de Eros, a bruxa de Bradbury o é de Tanatos. Os cenários de futuro que ela revela são terríveis, o que, todavia, se coaduna com a intenção ético-pedagógica declarada por Bradbury: "Não tento descrever o futuro. Tento preveni-lo. E evitar que as coisas aconteçam da maneira errada."³

E, assim, as imagens se movimentam e surge a primeira estória em *O homem ilustrado*. Mas se esperarmos que se materializem naves alienígenas ou algo semelhante, a imaginação de Bradbury muito nos surpreenderá. O que vemos - e, antes, pressentimos, farejamos - é um cenário visceral, de grande desolação e crueza: **a savana africana**. Melhor dizendo: vemos a selva produzida enquanto **realidade virtual** - embora extremamente convincente - na "*nursery*", o quarto de brinquedos de duas crianças. Bradbury assim descreve o surgimento desse enclave espaço-temporal (e até mesmo atemporal) em algum ponto do futuro, possibilitado por recursos de alta tecnologia:

O quarto estava silencioso. Vazio como uma clareira na selva ao meio-dia. As paredes, as duas dimensões, estavam nuas. Quando se encontravam a meio da divisão, precisamente no centro, as paredes

² Às vezes modificarei, muito ligeiramente, a tradução desta primeira edição portuguesa.

³ In MACHADO, Lili, "O Homem ilustrado (*The Illustrated man*) - Ray Bradbury". *Sci-fi Now!*, endereço eletrônico: www.scifinowlilimachado.wordpress.com.

começaram a cintilar docemente e a afastarem-se para uma distância cristalina; a selva africana surgiu, de todos os lados, em três dimensões, a cores, nos mínimos detalhes, até à menor erva. O teto, por cima de suas cabeças, transformou-se num céu intenso com um Sol amarelo, escaldante. (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 9).

Realidade virtual

Agora, ali estavam os leões, a alguns metros, de uma realidade tão surpreendente, tão alucinante, que quase se poderia sentir a aspereza do pelo sob a mão e a boca enchia-se com o cheiro empoeirado das suas jубas quentes; o tom amarelo das feras impressionava a vista como a esquisita cor de uma tapeçaria francesa: - o amarelo dos leões e da erva canicular; e o sopro dos pulmões que respiravam, e o cheiro de carne que as bocarras abertas e molhadas exalavam... (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 10-11).

É compreensível que leões habitem o quarto dos rebentos futuristas em "A selva" ("Veldt"), o primeiro conto de *O homem ilustrado*, de Ray Bradbury. Pois a estória gira em torno de contrastes, compromissos e compensações. E, eventualmente, dos resultados perversos desses compromissos.

O contraste principal, percebido nas citações, se dá entre a crueza da selva com os seus ferozes habitantes e a presumida "pureza" das crianças - chamadas Peter e Wendy - que acionam tais imagens realísticas em 3D nas paredes holográficas de seu quarto de brinquedos. Assim como os estranhos pré-adolescentes de *A outra volta do parafuso*, romance de Henry James também transformado em filme com o título de *Os inocentes*, essas crianças do futuro apresentam deformações preocupantes e, à primeira vista, inexplicáveis. Os pais - que adentram o quarto e se surpreendem com o cenário escolhido - não atinam bem porque Peter e Wendy deixaram de se interessar pelas amenidades convencionais exibidas normalmente nas telas infantis acionadas por controle mental e passaram a preferir as imagens da savana e dos leões.

Uma pista singela está nos nomes das crianças, idênticos aos da dupla de *Peter Pan*, o menino que não amadurece, morador da "Terra do Nunca". Isso nos leva a perceber que quem protagoniza "A selva" não são exatamente Peter e Wendy, nem os

pais deles, George e Lydia, mas, sim, o próprio **quarto holográfico das crianças** e, ao redor dele, a casa da família, a **sua Neverland**, paraíso customizado - para deleite de pais e filhos - com incrementos e acessórios tecnológicos de última geração. Um lar do modelo "Vida Feliz" - declara o pai - no valor de trinta mil dólares, "esta casa que os vestia, alimentava, embalava para dormir, que os divertia e era amável para com eles" (BRADBURY, R. 1951, p. 9):

George Hadley mais uma vez admirou o gênio mecânico que tinha concebido este quarto: um milagre de técnica vendido por um preço irrisório. Todas as casas deveriam ter um. Oh, às vezes ficava-se aterrorizado com esta precisão cínica! "Estes cômodos provocavam-nos um calafrio, mas, na maior parte das ocasiões, que prazer para todos! Não só para os filhos, mas também pra nós, quando se desejava fazer uma pequena excursão por terras desconhecidas, ter uma rápida mudança de cenário". (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 10).

Em especial, o que desperta na família Hadley a consciência de haver algo de errado é o fato de o quarto das crianças ter-se tornado monológico, por assim dizer: ele só "pensa" na selva e em seus habitantes, na medida em que sempre os projeta. Essa falha de roteiro motiva os diálogos preocupados dos pais sentados ao redor da "mesa de jantar que extraía comida quente das entranhas mecânicas" (BRADBURY, R. 1951, p. 12); reclinados em poltronas que logo começavam a "embalá-los e afagá-los". Eles que, como a própria esposa reconhece, "estavam estragados", como as crianças (cf. BRADBURY, R. 1951, p. 17).

A decisão dos pais é tomada, enfim, junto com uma boa dose de angústia. Decidem proibir a diversão para todos, o que causaria reações: "Você sabe muito bem as dificuldades que Peter levantará. Quando há mês o castiguei, fechando o quarto de brinquedos durante algumas horas somente, ele fez uma cena. E Wendy também. Esse quarto é a sua própria vida!" (BRADBURY, R. 1951, p. 11).

Em última análise, o que se planeja é "desligar a própria casa", reduto de objetos tão disponíveis no dia-a-dia que, àquela altura, já se tinham tornado **invisíveis e indispensáveis**, como os entes queridos: " - O quarto não gostará de que o fechem... - disse o pai. - Ninguém gosta de morrer, mesmo um quarto... - Pergunto a mim mesmo se ele me odiará pelo fato de o fechar..." (BRADBURY, R. 1951, p. 22).

Está em cena outro personagem, David Mc Clean, terapeuta familiar, amigo dos pais. Ele chega mesmo a "analisar" o quarto, na tentativa de "interpretar" as suas motivações e, por implicação, as das crianças. E o que depreendemos da situação é o que chamamos, hoje, uma "distopia", ao invés de uma "utopia". E não apenas porque o ideal da total instrumentalização da "Vida Feliz" manifesta ter fugido completamente ao controle; mas, sobretudo, porque ele se revela como **o próprio** agente de controle. Diz o terapeuta:

Um dos principais fins dessas "nurserys" é permitir-nos estudar os temas deixados nas paredes pelos espíritos das crianças, analisá-los com vagar e ajudar a criança. Todavia, no caso presente, o quarto tornou-se um veículo de pensamentos destrutivos, em vez de os libertar. (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 19-20).

Distopia: o "mal-estar na cultura"

Distopia é uma antiutopia. É a antecipação de um futuro pessimista, corroído pelas condutas destrutivas dos seres humanos ou extra-humanos. (...) Por enquanto, é suficiente notar que (...) as distopias *contestam, em especial, a pretensa neutralidade ou inocuidade do progresso tecnocientífico.* (...) A distopia [aqui, na literatura de Philip K. Dick] é usada para condenar a soberba dos que querem controlar uma realidade que mal conhecem, pondo em risco a vida humana, sobretudo a vida moral. (COSTA, Jurandir Freire. 2010, p. 143-4)

Este é um dos trechos em que Jurandir Freire Costa aborda aspectos das "distopias" de nossa época, inclusive através da ficção científica de Phillip K. Dick, autor do livro *O caçador de Androides* (1968)⁴. Para Freire Costa, o "mal-estar na cultura" contemporânea estaria sendo debatido, hoje, por quatro correntes de ideias principais, todas elas alertadas - porém não nihilisticamente neutralizadas pelo tópico - da "saída da religião". Isto é, a hipótese segundo a qual, "após a etapa histórica da laicização ou secularização dos valores judaico-cristãos, estaríamos em vias de abandonar tudo o que

4 COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro - figuras da ética na ficção de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

nos liga a esse passado. Donde a decadências nas esferas pública e privada." (COSTA, J. F. 2010, p. 12).

Duas dessas correntes teóricas se aplicam melhor aos tópicos que vínhamos analisando. Elas os realçam e discutem. Por exemplo, Jurandir Costa cita o pensamento de Jean Luc-Ferry como um representante da primeira vertente, para a qual o mal-estar na cultura se deveria, sobretudo, ao temor da "desapropriação", isto é, ao sentimento, nem sempre justificado, de estarmos sendo levados por uma enxurrada à qual não conseguiríamos resistir enquanto seres éticos - e, talvez, até mesmo, enquanto seres físicos. O temor a esse "tsunami" existencial decorreria, antes de tudo, do sentimento de abandono gerado pela "desconstrução" dos valores da tradição. E, em especial, o temor assumiria a forma do "complexo de Frankenstein", por assim dizer. Nas palavras de Freire Costa: "A desapropriação, por seu turno, refere-se ao mito da criatura que se insurge contra o criador, ameaçando-lhe a segurança." (COSTA, J. F. 2010, p. 14). Ele continua:

Para Ferry, este mote, recorrente na ficção fantástica, voltou a amedrontar os sujeitos na figura da "globalização". A globalização estaria envolta no halo das velhas histórias de mal-assombro, ou seja, histórias de indivíduos destruídos por seres inumanos aos quais deram vida e autonomia por soberba intelectual ou ânsia de poder. A sociedade *desconstruída e globalizada* produziria, assim, o sentimento de inermidade e temor dos que se sentem expropriados do poder de controlar aquilo que criaram. (COSTA, J. F. 2010, p. 14-15)

Sem dúvida, a ficção científica de Ray Bradbury representa bem esse tipo de distopia, cuja madrinha na literatura é a própria Mary Shelley, autora de *Frankenstein*. Nesse prisma, o sinistro "quarto holográfico" de Bradbury se compararia também ao ser tecnológico HAL, o alucinado supercomputador da nave interestelar de 2001, *Uma odisseia no espaço*, livro e filme de Arthur C. Clark e Stanley Kubrick (1968).

Mas as nuances da ficção científica são bem sutis, às vezes. O que se sobressai em Bradbury - até mais do que em Clark e Kubrick - não é o desejo de poder e saber de um Fausto. A família d' *O homem ilustrado*, com seus gostos e gastos medianos, quer mesmo é viver com algum conforto - quer esquecer, quer "esticar-se ao comprido", como

diz Nietzsche em seu diagnóstico da modernidade-contemporaneidade⁵ - e, inclusive, quer distrair as suas crianças pré-adolescentes.

Desse ponto de vista, podemos ver com olhos críticos a proposta de Luc-Ferry, na medida em que ela sugere como antídoto da desapropriação contemporânea o "sentido de sagrado na esfera dos afetos familiares" e, em geral, a "sacralização" da vida humana, definida como:

a emergência progressiva de uma verdadeira "divinização do humano", que, sob o efeito da evolução da família moderna, vai dar corpo à ideia de um sagrado encarnado no coração da humanidade e não mais, como antes, em entidades "verticais", superiores a ela. (apud COSTA, J. F. 2010, p. 15).

É nesse ponto que a literatura de Bradbury pode soar bem cínica - embora haja nela, sem dúvida, a expressão dos afetos familiares, por exemplo, no desejo sincero dos pais de Wendy e Peter Hadley de se redimirem da deseducação dos filhos. Mas, num extremo oposto, será mesmo que a "evolução da família moderna" caminha no sentido de uma "sacralização"? Bradbury me parece mais convincente, além do que, aparentemente, mais inteirado das contradições inerentes ao psiquismo humano...

Isso nos leva à segunda vertente mencionada por Jurandir Freire Costa, tendo como principal representante Dany-Robert Dufour, autor de *O divino mercado*⁶. Dufour, conforme Freire Costa

é um crítico implacável das sociedades liberais, e se refere à visão de mundo dominante hoje em dia como a de "rebanhos barulhentos, incultos, bárbaros, liberados de todas as regras, desinibidos, pós-neuróticos, decididos a pisotear todos os muros da civilização que encontram em sua passagem." (COSTA, J. F. 2010, p. 15).

Algum traço de parentesco com os Hadley de *O homem ilustrado*? Possivelmente.

5 NIETZSCHE, *A gaia ciência*, af. 329, "Lazer e ócio".

6 DUFOUR, Dany-Robert. *Le divin marché*. Paris: Denoël, 2007.

Não obstante, na ficção de Bradbury, os pais George e Lydia Hadley ainda representam, a despeito de tudo, o "ideal ético iluminista", o dos indivíduos decididos, na aceção de Dufour, a não fazer aquilo que querem, mas a obedecer às leis que se dão⁷. Nesse caso, ao focalizar o embate entre as duas gerações, o conto "A selva" se mostra um ótimo flagrante do ponto de transição no qual as leis do "divino mercado" (vide o produto "Casa Feliz") chegam a destruir inclusive esse tipo de liberalismo autodeterminado, gerando o **egoísmo** no mais estrito senso e, até mesmo, o estouro da "manada esquizoide ego-gregária", nas palavras fortes de Dufour⁸. E Peter e Wendy Hadley teriam algo a nos dizer sobre isso, como veremos.

No entender de Jurandir Freire Costa, entretanto, esta corrente deixa no ar uma série de questões: seria válido, nesse panorama, ressuscitar o indivíduo "liberal neurótico" (COSTA, J. F., 2010, p. 17)? Seria esse tipo de indivíduo o exemplo mais acabado do ideal ético do homem iluminista, do "**homem Ilustrado**"? Deveríamos salvá-lo, caso possível, de ser atropelado pelas hordas ego-gregárias-esquizóides? Ou deveríamos aceitar que o programa ético da Ilustração realmente malogrou "e buscar outros horizontes de realização pessoal e cultural?" (COSTA, J. F. 2010, p. 17)

A selva

Deixarei essas questões em aberto, assim como elas permanecem na ficção de Ray Bradbury. E isto, apesar do desejo pessoal dele de evitar que "as coisas aconteçam da maneira errada"... Enquanto isso...

Diz o pai, George Hadley, no conto de Bradbury:

- Durante muito tempo contemplamos o nosso umbigo mecânico, eletrônico! Meu Deus, como temos necessidade de uma lufada de ar fresco! E ele percorreu a casa desligando os relógios interativos, os fornos, os climatizadores, os massageadores e todos os aparelhos que estavam à sua disposição. Parecia que a casa estava cheia de corpos mortos. Um cemitério mecânico. Silenciosa. Quieta... (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 21-22).

7 Cf. COSTA, J. F. 2010, p. 16.

8 Apud COSTA, J. F. 2010, p. 16.

Os filhos Peter e Wendy chamam, sedutoramente:

- Papai, mamãe, venham depressa, depressa! Os pais lançaram-se no condutor pneumático e voaram ao longo do corredor. Não viram as crianças. - Wendy! Peter! Precipitaram-se para o quarto de brinquedos. A selva estava vazia e só havia os leões que aguardavam encarando-os. A porta fechou-se com um ruído. (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 23).

E, na hora combinada com os pais, retorna o senhor Mc Clean, o terapeuta:

Olhou para as duas crianças sentadas na clareira, que se preparavam para comer uma refeição fria. Atrás delas, a selva amarelada; por cima, o Sol escaldante. Transpirava - Onde estão os seus pais? As crianças levantaram os olhos e sorriram - Oh, não devem demorar... Os leões tinham agora terminado o repasto. Dirigiam-se para o bebedouro. Uma sôbra passou sobre o rosto suado de Mc Clean. Outras sombras bateram as asas. Os abutres desciam do céu tropical. - (BRADBURY, R. 1951, "A selva", p. 25).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRADBURY, Ray. *O homem ilustrado (The Illustrated Man)*. tr. Eurico da Costa. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, 1951. 264 p.

COSTA, Jurandir Freire. *O ponto de vista do outro - figuras da ética na ficção de Graham Greene e Phillip K. Dick*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 348 p.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. tr. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 368 p.

SOBRE A AUTORA

Rosana Suarez atualmente é professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. Tem doutorado (1997) e mestrado (1991) em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ; tem pós-graduação (1980) e graduação (1979) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, onde também lecionou, de 1998 a 2009. É autora dos livros *Nietzsche e a linguagem* (2011) e *Nietzsche comediante, a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche* (2007). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Moderna e Contemporânea, Filosofia e Linguagem, Estética e Ética. Atua principalmente nos seguintes temas: Filosofia da Cultura Contemporânea e História e Crítica da Tradição Filosófica.